AMBIENTE & EDUCAÇÃO
Revista de Educação Ambiental
Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
ISSN - 1413-8638 E-ISSN - 2238-5533

Vol. 19, n. 2, 2014.

TEATRO NA SALA DE AULA: ABORDAGEM INOVADORA NO ENSINO-APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

THEATRE IN THE CLASSROOM: INNOVATIVE APPROACH IN TEACHING-LEARNING PROCESS OF ENVIRONMENTAL EDUCATION

Ana Claudia Ventura dos Santos[1]

RESUMO
Este artigo relata uma experiência de Educação Ambiental, por meio do teatro. Tal experiência se deu em nível de graduação, com alunos do curso de Geografia, no componente curricular Geografia dos Recursos Naturais, da UFRN/Ceres/Caicó, em 2010.1. O objetivo foi suscitar reflexões sobre problemáticas ambientais, em particular a água. Para atingir o objetivo proposto, nos fundamentamos na metodologia da pesquisa-ação. Com a execução da ação, pudemos constatar que o aprender fazendo motivou os alunos/atores no processo de ensino-aprendizagem e na sua futura *práxis*. Tal motivação emergiu em função da técnica utilizada se apresentar como dinâmica e inovadora.
Palavras - Chave: Educação Ambiental. Teatro. Conteúdo significativo. Aprender fazendo.

ABSTRACT
This article describes an experience of environmental education through theater. This experience took place at the undergraduate level, with students of Geography in the curriculum component Geography of Natural Resources, UFRN / Ceres / Caicó, at 2010.1. The objective was to present some reflections on environmental issues, especially water. To achieve our objective, we have considered in the methodology of action research. With the implementation of the action, we found that learning by doing motivated the students / actors in the teaching-learning and in their future practice. Such a motivation has emerged due to the technique used to present itself as innovative and dynamic.
Keywords: Environmental Education. Theatre. Meaningful content. Learn by doing.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental é o instrumento que pode promover a recuperação ou forjar valores importantes nos indivíduos. Como consequência, pode proporcionar relações solidárias e cooperativas entre os homens e estes com o ambiente. Nesta

[1] Profa. Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

perspectiva, surge o teatro como facilitador do processo educativo. O mesmo assume um caráter importante na elaboração de valores necessários à formação cidadã.

Neste sentido, o processo de EA pode se balizar na metodologia da pesquisa-ação, cujo pressuposto é de que "os sujeitos que nela se envolvem compõem um grupo com objetivos e metas comuns, interessados em um problema que emerge num dado contexto no qual atuam desempenhando papéis diversos" (PIMENTA, 2005).

Atribuem-se as origens da pesquisa-ação (PA) a Kurt Lewin, 1946, cuja abordagem era experimental, de campo. Suas pesquisas tinham por finalidade a mudança de hábitos alimentares da população e a mudança de atitude dos americanos mediante os grupos étnicos minoritários. Sua pesquisa tinha um conjunto de valores a serem despertados nos grupos envolvidos. (FRANCO, 2005).

Além dos discípulos de Lewin, a PA teve a contribuição de Moreno, psiquiatra romeno, que nos Estados Unidos ficou conhecido como o criador do teatro da espontaneidade. A pesquisa-ação teve maior desenvolvimento no campo da psiquiatria e administração, em atividades ligadas ao desenvolvimento organizacional.

A PA chega às ciências sociais na década de 1970, na efervescência da crítica ao conhecimento e à ação, denunciando o caráter ideológico da pesquisa, travestida de neutralidade e objetividade científicas. (CHIZZOTTI, 2006, p. 79-89). Na atualidade, diversas são as pesquisas, em diferentes campos do conhecimento que adotam a pesquisa-ação como eixo norteador.

Neste contexto, elaboramos este artigo que nos permite relatar nossa experiência em sala de aula, no componente curricular Geografia dos Recursos Naturais, da UFRN/Ceres/Caicó, 5º período do Curso de Geografia – modalidade Licenciatura, no ano de 2010.1; cujo objetivo foi suscitar reflexões sobre problemáticas ambientais, notadamente a água. Assim como, apresentar uma proposta inovadora, mas não nova, de trabalhar conteúdos significativos selecionados pela turma com a coordenação da professora, e em consequência promover competências e habilidades inerentes ao processo de formação dos licenciandos.

OS FUNDAMENTOS DA AÇÃO

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN- 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

A ação humana, ao longo dos séculos, têm surtido efeitos danosos no que se refere aos aspectos ambientais. A sociedade industrial intensificou as intervenções nos ciclos naturais que levaram bilhões de anos interagindo dinamicamente, de modo sistêmico para formar as condições atuais de vida. Por vezes, essas intervenções são capazes de produzir problemas como dizimação e extinção de espécies, mudanças climáticas, poluição e contaminação, principalmente dos mananciais, entre outros. Estreitamente relacionados com esses problemas, estão: o crescimento da população mundial e a consequente demanda pela produção agrícola e industrial, o desmatamento, as queimadas, a desertificação, etc. (ZANINI, 2001). Atrelado, senão causa primeira dos problemas socioambientais, está o consumismo exacerbado, implicante na degradação ambiental.

O modelo de desenvolvimento adotado pela sociedade humana, desvelado pelo sistema de produção capitalista, assume posto primaz na responsabilidade pelas desigualdades socioeconômicas e ambientais. Em cuja esteira está o consumismo, a produção de resíduo, o descarte, o destino final inadequado e a poluição e contaminação dos ambientes que compõem as esferas do planeta Terra: atmosfera, hidrosfera, litosfera, biosfera, etc.

Como tentativa de minimizar ou reverter as problemáticas socioambientais, o próprio modelo de desenvolvimento capitalista busca alternativas para sua manutenção. Nessa busca, postula processos de mudanças que conclamam a participação de todos os atores que compõem a sociedade, que elaboram e reelaboram o espaço geográfico.

Neste sentido, o processo de mudanças e questionamentos é consenso do governo e sociedade civil. Entre outros, está o papel fundamental da educação. A partir das grandes Conferências para discutir o desenvolvimento humano, realizadas desde 1972, surgem grandes propostas e discussões, que orientam e culminam na Educação Ambiental (EA), que se apresenta como uma dimensão da educação. Desse modo, ela se mostrou uma aliada relevante na busca por soluções para os problemas socioambientais enfrentados pela sociedade humana.

É consenso o que diz Zanini (2001), quando afirma que a Educação Ambiental é o principal instrumento que possibilita o resgate ou elaboração de valores fundamentais dos indivíduos, proporcionando uma relação mais solidária e cooperativa dos seres

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

humanos entre si e com o ambiente. Continuando a mesma autora, menciona os Parâmetros Curriculares Nacionais que inclui a EA como tema transversal. Por conseguinte, a Educação Ambiental como temática de ensino, pesquisa e extensão oferece um leque amplo de possibilidades visto ser um eixo de discussão que perpassa diversas áreas do conhecimento nos âmbitos da educação formal e informal. Portanto, pode entremear todos os níveis sociais, econômicos e culturais, bem como todos os níveis de escolaridade, desde o fundamental ao nível de graduação.

Dentre as diversas técnicas e estratégias de EA, podemos citar o uso do Desenho/Mapa-contorno/Mapas mentais, como representação/percepção do meio ambiente; a música; História em Quadrinhos/tirinhas/mangá; jornal; cartilhas e folhetos; estudo e elaboração de textos; jogos; aquários; trilha, maquete, peça teatral, etc. A dinâmica pode ser associada com outra(s), e pode ser selecionada de acordo com o contexto/realidade em que o processo de EA se faz necessário. Portanto, para a escolha de determinada dinâmica deve-se guiar pelo bom senso. E no nosso caso, consenso.

No que concerne ao teatro, como expressão artística,

> A arte tem sido proposta como instrumento fundamental de educação, ocupando historicamente papéis diversos, desde Platão, que a considerava como base de toda a educação natural. [...] É, por excelência, a arte do homem exigindo a sua presença de forma completa: seu corpo, sua fala, seu gesto, manifestando a necessidade de expressão e comunicação. [...] O ato de dramatizar está potencialmente contido em cada um, como uma necessidade de compreender e representar uma realidade. [...] Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo (BRASIL, 1997, p. 57).

Com o teatro é possível para o educando, uma experimentação dinâmica que possibilita a integração entre a imaginação, percepção, emoção, intuição, memória e raciocínio. Esse tipo de experiência promove no campo individual, o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. No campo do coletivo, o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado do poder agir e pensar sem coerção. Por conseguinte, o teatro possui

vantagens como expressão e comunicação, como produto cultural e apreciação estética e desenvolve aspectos relativos à norma, valores e atitudes (BRASIL, 1997).

Neste escopo, para embasar a nossa proposta de trabalho em sala de aula, a metodologia da pesquisa-ação surgiu em função da necessidade de preencher e superar possíveis lacunas entre teoria e prática inerente ao processo educativo. Uma das características da pesquisa-ação é que através dela é possível intervir na prática, de modo inovador, já no decorrer do próprio processo e não apenas como possível consequência de uma recomendação na etapa final de um dado projeto. (ENGEL, 2000).

Para melhor compreensão Thiollent define a pesquisa-ação como

> um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma **ação** ou com a resolução de um **problema coletivo** e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo **cooperativo** ou **participativo**. (THIOLLENT, 2000, p. 14, grifos nossos).

Assim a pesquisa-ação, como metodologia, proporciona caminhos que se articulam harmonicamente com a ação educativa. Adaptando os pensamentos de Gajardo (2001), Pimenta; Ghedin; Franco (2006), Chizzotti (2006), Franco (2005) e Engel (2000), a Educação Ambiental pode ser vista, portanto, como estratégia de intervenção democrática na organização social dos indivíduos para garantir uma relação responsável com o ambiente.

A pesquisa-ação tem compromisso com a prática, considerando que não há neutralidade na ação social, mas sim ação consciente política. Posto que o homem possui a política como intrínseca a sua natureza social, todas as suas ações guardam contexto político maior ou menor. Na pesquisa há influência do sujeito (pesquisador) sobre o objeto e vice-versa (DEMO, 1989).

O grupo implicado nos problemas realmente executa uma ação, e nesta o pesquisador desempenha um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Este tipo de pesquisa gera conhecimento articulado e capacidade prática de enfrentar os problemas identificados. A pesquisa é desenvolvida junto ao grupo, as decisões sobre as ações são tomadas coletivamente. (THIOLLENT, 2000).

O diálogo entre o pesquisador e o grupo, os trabalhos participativos, estabelecem

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

uma relação entre o conhecimento popular (saber não formal/senso comum) e o científico, uma troca de saberes que garante sentido social à produção de conhecimentos e à ação educativa (VASCONCELLOS, 1998), produzindo-se dessa maneira, um avanço qualitativo para os objetos complexos pesquisados. (PIMENTA; GHEDIN; FRANCO, 2006).

Para este avanço qualitativo ser significativo, ações educativas ambientais que criem oportunidades de participação efetiva dos envolvidos são fundamentais. Participação que não se esgota na "chamada" dos sujeitos para acompanhar ações sociais, mas exige experiência participativa. Com isso, determina-se o *feedback* (a retroalimentação do processo), numa dinâmica contínua de troca entre pesquisador e pesquisado. Nesse sentido, na pesquisa há influência do sujeito (pesquisador) sobre o objeto (complexo) e vice-versa.

Nesta perspectiva, o processo de EA, consubstanciada pela metodologia da pesquisa-ação possibilita a promoção da transversalidade, da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, quando concorre para o diálogo integrativo entre, além e através das disciplinas. Logo, o aluno torna-se participante do constructo acadêmico, quando este emite opiniões, faz, cria, colabora, coopera, etc., aprende a aprender e aprende fazendo, expressos por uma ação dinâmica entre o conhecimento apreendido anteriormente e o porvir. Albuquerque, Costa e Almeida nos esclarecem:

> [...] Quando um sujeito aprende, adquire e produz conhecimento mais ou menos inovador. [...] Aprender é uma construção que envolve toda a actividade do ser humano: biológica, psicológica, social e cultural, nos seus múltiplos aspectos. (ALBUQUERQUE, COSTA e ALMEIDA, p. 148, S/D).

Nesse escopo, acreditamos que a reunião de todos estes aspectos acima abordados, EA, Teatro e pesquisa-ação, são capazes de nos indicar caminhos no processo ensino-aprendizagem de maneira mais prazerosa e eficaz.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para viabilização dessa proposta, procedemos com as seguintes atividades:

- Levantamento bibliográfico para fornecer suporte teórico em nossa ação;
- lançamento da proposta de ação para os alunos;
- preleção sobre a peça a ser encenada "A Guerra da Água" [(1)], de autoria de Orlando Batista dos Santos.

1 - Sinopse da peça:

> UMA CONTRIBUIÇÃO AO DEBATE SOBRE ECOLOGIA E MEIO AMBIENTE
>
> [...] Não dá mais para ignorar que estamos diante de um grave problema em relação à água, e ninguém está dispensado desse debate. Daí a importância de "A Guerra da Água", trabalho em forma de teatro, à disposição daquelas pessoas comprometidas com construção de um mundo melhor e verdadeiramente sustentável.
>
> No entanto, a melhor aplicação parece ser mesmo nas escolas, uma vez que o texto é curto e os argumentos bastante simplificados, texto que poderá ser utilizado em programas de educação ambiental, podendo ser encenado pelos próprios alunos, quer nas escolas ou nas próprias comunidades. Além de proporcionar a conscientização das pessoas em relação ao meio ambiente, a encenação do texto se constituirá, para os alunos, como importante exercício experimental de teatro.
>
> A peça é uma sátira carregada de metáforas e muito humor sobre a luta pela água. Envolve grupos econômicos, a política e a sociedade. Está centrada em uma empresa de "capital alienígena", que tem o monopólio da água no Brasil e o controle geral da situação: do movimento social dos "sem-água", que luta para garantir água limpa e potável para todos, à discussão infindável dos políticos em torno do assunto. Os elementos centrais da peça são os caipiras, representação dos excluídos: expulsos de suas origens pela falta d'água, vão para a cidade e fazem apresentações de danças típicas. O objetivo é promover o sustento e eles acabam tendo morte trágica após beberem água contaminada.
>
> (Disponível em: http://www.uniblog.com.br/orlandobatista/)

- audição para adequação/seleção dos alunos/atores com os devidos personagens e definição de funções (assistente de direção, fotografia, filmagem, edição, iluminação, som, mestre de cerimônia, etc.);
- ensaio da peça;
- montagem do cenário;
- encenação da peça;
- entrevista coletiva com os alunos/atores.

2 - Promovemos a entrevista coletiva, com base na pesquisa-ação, com os seguintes questionamentos aos alunos/atores.

- Você já havia participado de alguma peça ou outro (ex.: dança) de teatro?

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

- Fale sobre os pontos positivos e negativos da experiência de participar como organizador e ator na/da peça "A Guerra da Água".

- Como você analisa a sua desenvoltura/timidez?

- Como o teatro facilita as reflexões acerca da problemática ambiental, notadamente a água?

Cabe salientar que parte dos equipamentos e instrumentos foi cedida pela instituição, parte foi cedida pelos alunos. Isso serve para ilustrar aspectos de envolvimento dos mesmos, no processo de execução da ação.

Salientamos ainda que os nomes dos entrevistados permaneceram conforme os originais. Ao contrário do que, comumente acontece, quando a recomendação é preservá-los por questões éticas, os alunos/atores autorizaram e demonstraram prazer em ver seus nomes registrados.

Ressaltamos que estas atividades transcorreram no semestre letivo de 2010.1, entre os meses de abril a junho, no componente curricular de Geografia dos Recursos Naturais, 5º período do Curso de Geografia – modalidade Licenciatura. Por fim, surgiu a elaboração deste artigo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O aprender fazendo

Após o êxtase inicial com a encenação, os alunos estavam exultantes no dia seguinte como se o que realizaram fosse o maior feito de suas vidas... Deveras, no momento, sim!

Cabe a reflexão: a dádiva da aurora de cada dia nos faz crer que aquele é o único e último de nossas vidas, nos provocando e convocando a fazer sempre o melhor. Cada dia é especial, e o amanhã depende, sobremaneira, do que fazemos hoje, pois o ontem já não existe.

Nessa perspectiva, fizemos a parada para a reflexão...

Dos entrevistados, a metade havia experienciado a prática do teatro em algum momento de suas vidas de estudantes. A outra metade jamais tinha participado de algo

dessa natureza. Desse modo, foi possível perceber em suas expressões a satisfação em passar por esse processo que os auxiliou em sua desinibição.

Na questão pontos positivos, no que se refere aos aspectos coletivos da turma, os termos mais citados foram empenho, envolvimento, desenvolvimento, interação, união e trabalho em grupo. Isto demonstra que a oportunidade criada proporcionou o trabalho em grupo, cujas premissas envolvem o diálogo, cooperação, participação, iniciativa, autonomia, criatividade e aprendizagem eficaz. Valoriza a noção de trabalho coletivo como instrumento de construção do conhecimento. Prepara melhor o aluno para a prática social [...] conduzindo-o a se perceber como produto histórico da sociedade (MMA, 2001). Ademais, desenvolve o espírito de solidariedade, além de se aprender a lidar com as dificuldades do próximo, como por exemplo, problemas de adaptação social de alguns indivíduos, problemas relativos à timidez, dicção, entre outros.

Nessa perspectiva, a superação da timidez surgiu como um dos pontos mais evidenciados. Entendendo-a como uma problemática para as relações estabelecidas por cada indivíduo nos diversos âmbitos da sociedade, e que muitos são aqueles que têm esse obstáculo a superar. É senso comum, que a questão não se resolve em apenas em uma ação, contudo, necessário se faz o início do processo de desinibição. Neste caso, um aluno disse, em particular, no decorrer do processo (ensaio e organização), que estava surpreso com o seu desempenho, e que não esperava ser capaz de encenar com aquela desenvoltura.

Outros disseram que eram tímidos, porém a força de vontade de participar foi "mais forte". Neste aspecto, cabe o destaque para a menção do que disse Ana Luzia: a "força de vontade" em participar foi maior. Compreendemos que a referência se insere com a instigação que a proposta do teatro promove em superar as dificuldades individuais e coletivas.

Ressaltamos que no decorrer do processo, muitas foram as vozes que opinaram, deram sugestões para a melhoria da encenação, mediante as condições de infraestrutura que se nos apresentava para a aquele momento. Destacamos, dentre outras, quando Camila disse: Professora, não estou gostando da música da cena final. Então, eu trouxe hoje o meu clarinete para tocar. Respondi-lhe que não queria saber o nome da música, queria ser surpreendida e surpreender a todos os seus colegas naquele ensaio. Camila tocou, ensaiamos, adaptamos...

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

Fizemos um misto: Camila fez um solo no clarinete, com suas notas fúnebres; depois a procissão entrou com as vozes dos alunos/atores. O que queremos dizer, que ao final, foi feita a vontade de Camila e do restante do grupo, chegamos a uma decisão consensual, sem conflitos. O exemplo ilustra que a nossa capacidade de negociar pode estar presente em vários aspectos de nossas vidas.

No tocante ao aprender fazendo, alguns depuseram que a experiência era inédita e para eles, essa é uma nova forma de aprender. A razão está no dinamismo que a proposta de teatro apresenta: memorização de texto com mais facilidade; exposição a um público diferente dos colegas (alunos de outras turmas e professores) – diferente do seminário, por exemplo. Nesse aspecto, foi mencionado, também, que esse aprender fazendo, traz uma abordagem diferenciada da transmissão da mensagem, isto é, o desenvolvimento da reflexão sobre a temática premente água, de maneira mais leve.

Como resultado da proposta do aprender fazendo, os alunos/atores destacaram que, participar da organização e encenação da peça de teatro surgiu para eles como um "novo instrumento de avaliação no ensino-aprendizagem do graduando de Geografia". Ora, pois, a condição de professor torna incessante a busca por instrumentos alternativos de ensino-aprendizagem que proporcione satisfação nos alunos, ou seja, que os mesmos desenvolvam o gosto pelo aprendizado, e que este, necessariamente, não tenha que ser traumático. Na academia, há um murmurinho em relação à leitura de textos e mais textos passados/orientados pelos professores. Sob a nossa ótica, entendemos que os mesmos são necessários e importantes, pois dão suporte ao ser e fazer científico. Vez ou outra é possível experienciar outra alternativa de aprendizagem, como esta em que relatamos, entretanto, é uma tarefa árdua. Porém, gratificante.

No que se refere aos pontos negativos, muitos não conseguiram percebê-los. Contudo, alguns colocaram a precariedade da estrutura física do campus, ou seja, o mesmo não possui um auditório adequado para atividades dessa natureza. Outro ponto negativo abordado foi que ainda há aqueles professores que não enxergam, por seus comportamentos e atitudes perante a nossa ação, a Educação Ambiental como dimensão inerente ao Curso de Geografia em ambas as modalidades: licenciatura e bacharelado. É importante colocar em relevo, que esta última modalidade tem a Educação Ambiental como disciplina obrigatória (Projeto Pedagógico Licenciatura e Bacharelado em Geografia, 2008). Pelo visto, ainda estamos naquela visão escolar em que só os limites

da sala de aula realmente ensina. E a experiência individual e coletiva que os indivíduos trazem com arcabouço social, político, religioso e cultural, onde a colocamos? Dizemos para eles que o constructo social e o da escola são dicotômicos? Não podemos dizer aos nossos alunos: vamos construir essa disciplina? Quando nos perguntarem com que metodologia eles tratarão os conteúdos da Geografia para melhor apreensão por parte de seus alunos no ensino básico, silenciaremos?...

No que concerne à questão como o teatro facilita as reflexões acerca da problemática ambiental, notadamente, a água, houve unanimidade sobre a dinâmica com que a temática foi abordada. Para eles, a peça prende a atenção de públicos de todas as faixas etárias de maneira bem humorada, com os jeitos e trejeitos regionais, enfim lúdica. Dessa maneira, ao público é proporcionada à reflexão sobre a problemática água de forma mais leve. Isto está impresso nas falas, a seguir reproduzidas:

> O teatro passa a mensagem para as pessoas de forma engraçada. Não de forma chata como a exposição sobre o assunto. (João Paulo Lucena).
>
> Tema trabalhado de forma engraçada, de forma dinamizada, as pessoas aprendem mais fácil. (Mayra).
>
> Forma dinâmica de transmitir a problemática, e que o público venha a raciocinar e ser mais atuante em relação às questões ambientais de forma mais concreta.(Valfredo).
>
> O teatro envia uma mensagem mais dinamizada, proporcionando a melhor apreensão da problemática. (Valdemar).
>
> Temática muito debatida em sala de aula, evento, encontro. Quando é uma palestra fica cansativo. O teatro prende a atenção. (Lidiana).
>
> Acho que usar o teatro para trazer questões é muito interessante, porque a peça traz uma dinamicidade. Atinge todos os públicos. Para a criança a simplicidade do texto traz uma melhor compreensão. Aprende-se de maneira espontânea. (Aldenizy).
>
> Por ser uma atividade atrativa, uma peça teatral consegue atingir um público diferente, promovendo a reflexão do público espectador. Tendo em vista, que muitas pessoas não têm o hábito da leitura, a peça apresentada consegue trazer/recuperar aquilo que não podia se perder: uma reflexão acerca dos problemas ambientais, no caso a água. (Joanilson).

AMBIENTE & EDUCAÇÃO
ISSN - 1413-8638
E-ISSN - 2238-5533
v. 19, n.2, p. 51-65, 2014.

Outro aspecto destacado por Raiane é que o tema água é polêmico, porque remete a plateia para um rio local e a água do mesmo está sendo poluída, contaminada... Como maneira de aproximar os alunos e o público à problemática tocada pela peça foi feita a adaptação do nome do manancial superficial constante na peça para um importante rio local. Desse modo, entendemos que essa adaptação identifica o público com a problemática.

Outra fala em destaque é a de Soneide, que disse que a peça leva as pessoas a refletir, a pensar em agir individualmente para benefícios coletivos e traz uma maior discussão da sociedade sobre os recursos hídricos. O teatro passa a mensagem de reflexão sobre os conflitos pela disputa da água...

Como a palestra é o recurso mais utilizado para se atingir o público acadêmico e a sociedade em geral, esta surgiu como o recurso mais comparado com a encenação teatral. Entendemos serem dinâmicas diametralmente opostas, mas com o mesmo objetivo. A primeira, por vezes, se reveste de caráter mais solene; a segunda, por seu caráter lúdico, "descompromete", libera emoções, media um diálogo rápido e assertivo com o público. Daí se ter o cansaço e o desinteresse mencionado por alguns alunos quando a problemática é discutida por meio de palestras.

> Com a palestra se dorme, não que a palestra não seja importante. A peça atinge mais classes, faixa etária abrangente, da criança ao adulto... (Inaldo).

Em outro aspecto, José Bezerra adverte que água é essencial à vida humana. O mesmo demonstra a compreensão de que a água é um recurso, portanto, objeto de disputa quando da sua escassez. Relembra aspectos na peça sobre a disputa entre capital estrangeiro e povo menos favorecido, mas que busca uma organização e reivindica o direito ao seu acesso, com qualidade.

Conforme coloca João Paulo Oliveira, este que da timidez fez sua aliada quando sugeriu se caracterizar de Charles Chaplin no desempenho da função de mestre de cerimônia:

> O teatro em si é um meio que possibilita materializar nossos pensamentos acerca dos problemas que envolvem a sociedade atual. Uma vez que no palco há uma liberdade de expressão. Desta maneira, ele contribui para a formação de um pensamento crítico, dosando o que Raiane falou: humor, e eu acrescento a ação imediata. O teatro ajuda a formar o homem para o que

> Merleau Ponty chama atenção: ...é preciso reaprender a ver o mundo de outra maneira". (João Paulo Oliveira).

Embevecidos com o sucesso da ação e cientes que estamos no caminho certo na contribuição de seu constructo social e profissional, esses alunos/atores se comprometeram a participar de forma efetiva em uma *práxis* além-muros da Universidade...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação promovida nos permite considerar que o uso do teatro em nível de graduação facilita o processo de Educação Ambiental e desperta no aluno a vontade do querer fazer, isto é, motiva-o quando lhe é apresentado o conteúdo sob uma ótica inovadora e dinâmica. Certamente, ele reproduzirá a experiência quando estiver em sua *práxis* profissional, posto que auxilia na promoção de competências e habilidades inerentes ao seu processo de formação.

Como desdobramento desta ação, elaboramos um projeto de extensão, cujo título é "O teatro como meio facilitador do processo de Educação Ambiental", que foi submetido e aprovado com recursos. Para tanto, teve a participação dos alunos da turma de 2010.1. O mesmo foi desenvolvido no transcorrer do ano de 2011, com a pretensão de atingir o público do ensino básico das escolas do município de Caicó/RN.

Conforme podemos constatar, o uso do teatro como meio para o processo de EA é só uma das estratégias, que não deve ter um fim em si mesmo. Haja vista que as possibilidades são diversas. Vale a criatividade e a capacidade de adaptação e readaptação dos envolvidos no processo. Para compor o suporte teórico-metodológico a pesquisa-ação nos ofereceu resultados satisfatórios.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, C. M. S.; Costa, J. A. P.; ALMEIDAD, V. L. F. **Ser aluno: porque e para que se aprende?** Escola Superior de Enfermagem de Viseu – 30 anos. p.148-156. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millenium/Millenium30/12.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN'S: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p. Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf#page=31&zoom=auto,0,688>. Acesso em: 16 fev. 2011.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas sociais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação, **Educar,** Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000. Editora da UFPR. <Disponível em: www.educaremrevista.ufpr.br>. Acesso em: 24 fev. 2007.

FRANCO, M. A. S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005. Disponível em:<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2007.

GAJARDO, M. Pesquisa participante: propostas e projetos. In: BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3 ed. 2 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 15 – 50.

Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Educação ambiental: curso básico a distância: documentos e legislação da educação ambiental**. 2. ed. ampl. Brasília, 2001. 5v. p. 39-79. MININI-MEDINA, N. (livro verde I).

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005. Disponível em:< http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a13v31n3.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2007.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. (Org.). **Pesquisa em educação: alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Loyola, 2006.

PROJETO PEDAGÓGICO LICENCIATURA E BACHARELADO EM GEOGRAFIA -PPGeo/UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. CERES/CAICÓ/RN. 2008. 111p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 10 ed. São Paulo: Cortez : Autores Associados, 2000.

VASCONCELLOS, H. S. R. A pesquisa-ação em projetos de educação ambiental. In: PEDRINI, S. G. (Org.). **Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

ZANINI, D. M. **Meio ambiente na educação: uma temática em transversalidade no ensino fundamental**. Florianópolis: 2001. Disponível em: < http://analgesi.co.cc/html/t25378.html>. Acesso em: 16 fev. 2011.